

**A ESTABILIZAÇÃO DAS COLÔNIAS NAS AMÉRICAS: SUAS
GRANDES DIFERENÇAS E SEU PRINCIPAL ASPECTO EM COMUM**

Sarah Campelo Cruz Góis

RESUMO

Ressaltamos as principais diferenças entre a implementação e a manutenção das colônias americanas. Primeiramente em uma análise sobre as mentalidades que portugueses e espanhóis possuíam a época da Conquista e como essa diferenciação pode ter repercutido na formação de empresa colonial. Destacamos também a situação dos povos que habitavam a América antes da chegada dos invasores e como esses foram subordinados pelos colonizadores ibéricos. A partir da leitura de Sergio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* e de Aquino-Jesus-Oscar em *Historia das sociedades Americanas*, procuramos diferenciar a montagem da colônia. Por fim, enfatizamos que, mesmo com todas essas diferenças, Portugueses e Espanhóis possuíram um terrível aspecto em comum.

Palavras-chave: Estabilização, colônias, diferenças, massacre.

INTRODUÇÃO

Analizamos a colonização das Américas portuguesa e espanhola em torno de suas diferenças e, sobretudo, de sua grande semelhança. Quais os motivos que influenciaram a estabilização da empresa colonial e o desenvolvimento urbano. Foi traçada uma imagem, dos povos que habitavam a América antes da chegada dos ditos “descobridores”, e dos povos ibéricos medievais; Finalmente como esse encontro, ou melhor, choque, repercutiu na construção da empresa colonizadora.

No primeiro tópico AMÉRICA: PARAÍSO TERREAL OU APENAS PURA AMBIÇÃO é feita uma comparação entre o ideário e o imaginário dos povos “descobridores”. O segundo tópico AS POPULAÇÕES INDÍGENAS EXISTENTES NA AMÉRICA ANTES DA “INVASÃO” IBÉRICA se fundamenta a partir da

diferenciação entre as comunidades primitivas e as de Modo de Produção Asiático, posteriormente, são discutidas as diferenças entre as colônias americanas.

Para finalizar destacamos, que mesmo com todas as diferenças, ambos os invasores foram responsáveis pelo massacre e aculturação de inúmeras sociedades indígenas.

AMÉRICA: PARAÍSO TERREAL OU APENAS PURA AMBIÇÃO

Para sublinhar as grandes diferenças entre a “implementação” dos sistemas coloniais nas Américas portuguesa e espanhola faz-se necessário uma comparação sistemática entre as idéias e imagens que ambos construíram sobre os espaços americanos.

Segundo Sergio Buarque de Holanda: O gosto da maravilha e do mistério, quase inseparável da literatura de viagens na era dos grandes descobrimentos marítimos ocupa espaço singularmente reduzido nos escritos quinhentistas dos portugueses sobre o Novo Mundo.¹ Isso pode ser observado claramente nos relatos dos primeiros cronistas portugueses, mesmo quando são feitos exacerbados elogios à natureza ou ao clima, como por exemplo, na Carta de Pero Vaz de Caminha ou na Primeira Historia do Brasil de Pero Magalhães Gândavo, estes, antes de tudo, se referem de maneira pragmática às potencialidades econômicas do território e às rendas que a exploração colonial poderia proporcionar à Coroa Portuguesa. Até na própria religião o português se inclinava para devoções mais pessoais, para as manifestações mais tangíveis da divindade.

Já no caso espanhol predominavam as visões edenizadoras e a recriação das imagens paradisíacas produzidas no Ocidente. Ainda segundo Sergio Buarque de Holanda:

Já às primeiras notícias de Colombo sobre suas Índias tinham começado a desvanecer-se naquele Novo Mundo os limites do possível. E de todas as coisas ali surgiam magnificadas para quem as viu da cara [...] não seria estranhável que elas se tornassem ainda mais portentosas para os que sem maior trabalho e só com o ouvir e o sonhar se tinham por satisfeitos.²

Essa disparidade entre os ideários ibéricos pode ser explicada tanto pelo fato de os portugueses na época já navegarem há quase um século e por isso não terem se impressionado com apenas mais uma descoberta, o que não é muito esclarecedor pois Colombo também era um dos homens que mais havia viajado na época e, através de Marco Pólo, conhecia bastantes povos, quanto pelo de o “descobridor da América” , Colombo , ter prosperado em suas primeiras cartas uma verdadeira obsessão pela existência de um Paraíso Terreal nesse “Novo Mundo”. Talvez a questão possa ser explicada pela produção dos textos. Os espanhóis eram mais eruditos que os portugueses e, nesse sentido, a crônica daqueles foi muito rica do que a destes.

Estou convencido de que aqui é o Paraíso terrestre, onde ninguém pode chegar se não for pela vontade divina³.

É importante ressaltar que à época do descobrimento a Espanha ainda não havia se unificado e era formada por um composto de nações ou reinos e que a “descoberta” da América espanhola ainda estava bastante arraigada num ideário medieval que de acordo com Carlos Bosch García representou a superposição de duas épocas, diferentemente do caso Português que desde a Revolução de Avis já havia começado esse processo de transição.

Contudo é necessária muita cautela pra desenvolver essa comparação – portugueses: pragmáticos e empíricos e espanhóis: fantasiosos e ortodoxos – visto que isso pode levar a uma criação de esteriótipos. Não se pode esquecer que ambos, portugueses e espanhóis, eram, sobretudo, invasores que dizimaram inúmeras populações indígenas em toda a América.

AS POPULAÇÕES INDÍGENAS EXISTENTES NA AMÉRICA ANTES DA INAVASÃO IBÉRICA

As reações dos colonizadores, segundo as situações históricas que regeram a ocupação e o povoamento da América, foram diferenciadas ao entrar em contato com os dois tipos de sociedades indígenas existentes, as comunidades primitivas e as de Modo de Produção Asiático, correspondendo, respectivamente, às Américas portuguesa e espanhola.

Nas áreas onde predominava o modo de produção asiático, que, segundo Aquino-Jesus-Oscar caracterizou-se pela existência combinada de comunidades aldeãs, onde predominavam formas de propriedade comum do solo, organizadas sobre a base das relações de parentesco, e de uma unidade superior o Estado, que controlava os recursos econômicos e se apropriava diretamente de uma parte do excedente do trabalho e da produção dessas comunidades, os conquistadores espanhóis se defrontaram com sociedades assaz complexas que possuíam uma desenvolvida economia agrícola, em que, inclusive, se produziam excedentes que poderiam vir a ser transformados em “mercadorias”. Havia classes sociais, Estado centralizado e grandes construções. Na segunda carta de Cortés endereçada a Carlos V fica bastante claro o deslumbramento que a opulência das construções astecas provocou nos espanhóis. De acordo com ele: “Também há aqui uma praça duas vezes maior que a de Salamanca, rodeada de colunas onde se reúnem todos os dias mais de sessenta mil pessoas, para comprar e vender todo tipo de artigo, produzido nas diversas províncias”⁴.

Mas como foi possível que impérios tão poderosos tenham sido destruídos por um número bastante reduzido de espanhóis. Muitos autores destacam o uso de armas de fogo, por parte dos conquistadores, e o de cavalos, que além de dar aos brancos uma incrível mobilidade, despertava terror entre os ameríndios que não conheciam estes animais, sem dúvida essa superioridade técnica teve bastante importância. Porém o valor numérico de índios era extremamente superior ao de europeus e esse impacto inicial tanto das armas quanto dos cavalos foi, principalmente, psicológico.

A Conquista espanhola foi ocasionada pela combinação de uma série de fatores, além dos já citados, as divisões políticas e étnicas do mundo indígena também contribuíram decisivamente para essa vitória, muitos impérios pré-colombianos foram construídos mediante sucessivas conquistas, como por exemplo, o dos astecas, e certos grupos, como os totonacas, viam na chegada dos invasores uma oportunidade para libertar-se da dominação, e os espanhóis, certamente, souberam aproveitar-se dessas divisões.

Já nas comunidades primitivas a população indígena mal entrara em sua revolução neolítica; a maioria dos índios brasileiros vivia em aldeias de curta duração. Desenvolveu-se aqui uma sociedade baseada em comunidades que moravam em aldeias,

populações de alta mobilidade, que podiam transportar suas poucas posses rapidamente para áreas mais ricas de caça ou pesca, ou cujo ciclo anual muitas vezes incluía migrações para a colheita de frutas, castanhas ou ovos no local e na estação apropriados. Os índios do Brasil, ao contrário dos demais índios da América, não deixaram monumentos porque seus únicos materiais de construção se deterioravam com muita rapidez⁵. Além disso, as mais sofisticadas culturas do Brasil estavam situadas na bacia Amazônica a qual permaneceu por muito tempo inexplorada pelos portugueses devido ao seu difícil acesso.

Um artifício de dominação que se abateu sobre essas duas comunidades foram as doenças trazidas pelos europeus. Doenças estas contra as quais os índios não possuíam defesas e que foram responsáveis, juntamente com a opressão sanguinária dos povos ibéricos, pelo enorme declínio populacional das comunidades nativas. Como bem nos lembra a música de Renato Russo: “Nos deram espelhos e vimos um mundo doente”⁶. Assim mesmo com todas essas diferenças entre as épocas em que se encontravam, as comunidades indígenas na América foram extremamente massacradas.

A COLONIZAÇÃO ESPANHOLA CARACTERIZOU-SE PELO QUE FALTOU À PORTUGUESA⁷

Nada diferenciou tanto a colonização espanhola da portuguesa quanto a descoberta do ouro e de metais preciosos. Após a segunda metade do século XVI foram localizadas as primeiras grandes regiões auríferas da América espanhola e à medida que os distritos começavam a jorrar metais cresceram vilas em muitas regiões inóspitas e a mineração rapidamente se converteu na atividade econômica básica do Império Hispano-Americano, enquanto que na América portuguesa esse metal sublime só foi achado já no final do século XVII.

Essa busca por metais preciosos contribuiu bastante para a enorme rapidez com que os conquistadores espanhóis exploraram e colonizaram sua porção do continente. E enquanto a colonização portuguesa era, antes de tudo litorânea e tropical, a castelhana se caracterizou por investir nas terras do interior e nos planaltos, enquanto os portugueses “arranhavam a costa como caranguejos”⁸ os espanhóis eram “*hombres de tierra adentro*”⁹.

Na América portuguesa, logo que foi constatada a inexistência de metais preciosos, pelo menos, em curto prazo, os europeus viram a necessidade de estabelecer a empresa colonizadora a partir do cultivo de produtos tropicais, principalmente de cana-de-açúcar, organizadas sobre o sistema de *plantations*, ou seja, em grandes propriedades (latifúndios) monocultoras baseadas no trabalho escravo, sobretudo africano, e dedicadas à exportação. Não havia um grande interesse em se utilizar a mão-de-obra indígena, pois os índios pouco conheciam das técnicas agrícolas e para a Coroa portuguesa era muito mais rentável a escravidão africana (isso não significa dizer que não houve escravidão indígena no Brasil). Foi por todos esses fatores que a colonização portuguesa se deu prioritariamente no litoral, a localização das lavouras perto dos portos era fator fundamental para o sucesso desta atividade.

[...] para a maioria dos colonos o povoamento permaneceu concentrado ao longo da faixa estreita do litoral, onde bons solos, condições climáticas adequadas, oferta de mão-de-obra e transporte barato para os portos favoreceram a indústria do açúcar num período de crescente demanda nos mercados europeus.¹⁰.

Já na América hispânica onde foram encontradas valiosas jazidas de ouro e prata a política mercantilista foi deveras favorecida, não foi necessário *plantations*, nem mão-de-obra africana, os colonizadores simplesmente adaptaram a *encomienda*, que já era utilizada no feudalismo com a servidão coletiva que já existia na América pré-colombiana, como exemplo a *mita* que era de origem inca e foi adaptada pelos europeus. A *encomienda* se caracterizou pelo trabalho forçado, uma comunidade indígena era encomendada a um espanhol a quem pagava tributo sob a forma de prestação de serviços. Ela foi instituída por Colombo e codificada pela *Recopilación de las Leyes de Indias*, os “encomendadores” em troca deveriam garantir assistência material e religiosa a comunidade. A *mita* consistia em um trabalho compulsório no qual o índio escolhido por sorteio em sua comunidade recebia um salário, a jornada variava segundo a época, o lugar e a natureza do trabalho e sua paga era menos da metade de um trabalhador livre.

Inicialmente a Conquista foi feita através da iniciativa privada, a Coroa ganhava as províncias e os vassalos seriam ressarcidos de seus gastos e premiados de acordo com a vontade do rei, é somente com a lei novas de 1542 que ocorre a centralização

colonial, ou seja, a conquista foi baseada ainda em princípios medievais e a colônia foi o expoente da centralização governamental.

Se, no primeiro momento, ficou ampla liberdade ao esforço individual, a fim de que, por façanhas memoráveis, tratasse de incorporar novas glórias e novas terras à Coroa de Castela, logo depois, porém, a mão forte do Estado fez sentir seu peso, impondo uma disciplina entre os novos e velhos habitantes dos países americanos, apaziguando suas rivalidades e dissensões e canalizando a rude energia dos colonos para maior proveito da metrópole.¹¹

É através dessa rápida expansão sobre o território americano que a Espanha define núcleos de povoação estáveis e bem ordenados. Os conquistadores já encontraram muitos centros urbanos populosos na América pré-colombiana, a influência da distribuição espacial e da estrutura de aldeia das populações indígenas foram muito profundas sobre o esquema da colonização e urbanização européias. A construção da cidade levaria em conta as características naturais, a distribuição da população e começaria pela praça a qual serviria de base para o traçado das ruas, assim a povoação partiria nitidamente de um centro.

Já em 1538 cria-se a Universidade de São Domingos e, ao se encerrar o período colonial, tinham sido instaladas nada menos de 23 universidades, assim, milhares de descendentes americanos puderam completar seus estudos sem precisar atravessar o Oceano o que representou a formação de uma classe intelectual dentro da América e talvez até a formação de diferentes identidades americanas, Sergio Buarque de Holanda chega a considerar que *os castelhanos querem fazer do país ocupado um prolongamento orgânico do seu*. É interessante ressaltar que a primeira instituição de ensino superior do Brasil é criada apenas no século XIX, por causa da vinda da coroa portuguesa pra a colônia faz-se necessária à formação de pessoal especializado pra a administração da Metrópole.

A administração portuguesa pode ser considerada um pouco mais liberal com os estrangeiros que se dispendo trabalhar viessem para o Brasil fato que não ocorreria nas possessões espanholas extremamente contrarias as migrações de povos de outros países. Mas será que essas diferenças no método da colonização representaram uma distinção entre a intenção desta.

Na realidade, fica bem claro, que ambos, portugueses e espanhóis, serviam aos interesses do Estado, da burguesia em ascensão e da Igreja, ou seja, mesmo os hispânicos que formaram núcleos de ocupação, fundaram universidades e rapidamente concluíram sua conquista, não tiveram a intenção de formar uma “sociedade hispano-americana” no sentido sincrético da palavra, mas apenas a de servir a seus próprios interesses. Até mesmo os brancos que haviam nascido na América eram tratados com preconceito e ser europeu representava ser superior. Talvez esses núcleos tenham sido formados apenas para reduzir a miscigenação e subjugar ainda mais as comunidades nativas que eram segregadas em verdadeiros guetos étnicos. Dessa forma as sociedades ibéricas foram responsáveis pela destruição física e/ou cultural de comunidades inteiras que antes habitavam os espaços americanos.

UM TRISTE PONTO EM COMUM: O MASSACRE ÀS SOCIEDADES INDÍGENAS

Por fim, faz-se necessário esclarecer que o *sentido da colonização* não foi o de trazer benefícios ou progresso para as áreas coloniais muito menos *civilização* ou *cultura*, mesmo nas regiões sob o domínio espanhol, onde a conquista e a colonização estabeleceram núcleos de ocupação permanente e a urbanização foi assaz rápida. A Colonização ocorreu em função dos interesses do Estado Absolutista em plena formação e da burguesia europeia, através da aplicação e legitimação da política mercantilista: *produzir riquezas nas colônias, a baixo custo, e transferi-las para a metrópole, onde serviriam para reforçar a autoridade do Estado Nacional, através do aumento de suas rendas, permitindo-lhes aparelhar exércitos para as guerras na Europa e para impor-se a nobreza feudal; e para o investimento do capital acumulado com o comercio nas atividades manufactureiras, expandindo o controle do Estado sobre a economia.*¹² Assim o descobrimento e a exploração prepararam as bases para a implementação da empresa colonial.

Como já foi dito a colonização se concretizou de forma bastante distinta, essa variedade pode ser explicada pelo resultado do confronto entre a dinâmica das Coroas Portuguesa e Espanhola, pela heterogeneidade cultural das sociedades indígenas, bem como pela densidade demográfica dessas sociedades.

Nas regiões onde predominavam as sociedades portadoras de culturas primitivas em que não havia excedentes de produção e as técnicas de agricultura eram praticamente desconhecidas as populações foram expulsas ou exterminadas, fato que ocorreu no Brasil e na região das Antilhas. Enquanto nas regiões em que as sociedades nativas possuíam *altas culturas*, ou seja, praticavam o Modo de Produção Asiática e já tinham um poder centralizado, sobretudo nas culturas incas, maias e astecas, as populações foram subjugadas. Assim as sociedades nativas após a conquista passaram por um processo de desestruturação em todos os níveis, demográfico, econômico, social e espiritual e, as estruturas que, por ventura, conseguiram sobreviver estavam fragmentadas e separadas de seu contexto original, transportadas para o mundo colonial.

Contudo, apesar de todas estas variantes, a Colonização, não apenas militar, mas também racial, religiosa, econômica, cultural e política, foi responsável pela destruição e desestruturação de grande parte da América Indígena e acarretou a formação de uma classe marginal de índios, que vive até hoje os reflexos desse massacre físico e cultural. A invasão dos europeus foi para as estas populações um acontecimento sem precedentes que interrompeu o curso normal de sua existência.

CONCLUSÃO

Mesmo com todas as diferenças que permearam o desenvolvimento das colônias na América, as diferentes mentalidades entre portugueses e espanhóis, seus distintos momentos políticos, as diversas sociedades indígenas que ali habitavam, a distribuição de ambos os povoamentos, há algo que une esses dois impérios, o massacre aos povos indígenas.

Com certeza um fato irreversível e que sem dúvida repercute até hoje nos preconceitos e nos locais sociais nos quais foram relegados os índios. Com o pretexto de civilizar os índios estes foram aculturados, explorados e exterminados. Mesmo os espanhóis que segundo Sergio Buarque de Holanda *querem fazer do país ocupado um prolongamento orgânico do seu*, não pouparam esforços em exaurir as energias e a vitalidade dos povos pré-colombianos.

Nas palavras de Frei Domingo de Santo Tomás: *Não é prata o que se envia à Espanha, é suor e sangue dos índios*. No Brasil, então, onde a mão-de-obra usada era a africana negra (parcela da população que juntamente com os índios também sofre até hoje com os efeitos dessa exploração), os índios foram caçados e vistos como “algo” sem muita utilidade.

Foi com o intuito de destacar não apenas as diferenças como também essa triste semelhança que esse artigo se desenvolveu.

NOTAS

¹ HOLANDA, Sergio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: editora brasiliense, 2000, p. 1.

² *Idem*. p. 6

³ TODOROV, Tzvetah. *A conquista da América: A questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p.22.

⁴ *Carta de Cortés a Carlos V*

⁵ HEMMING, Jonh. In Bethell (org.). *Historia da América Latina: América Latina colonial*. São Paulo: Editora da USP; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2. ed., 1998, p.104.

⁶ Trecho da música *Índios* do grupo Legião Urbana

⁷ HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 26. ed., 1995, p. 95

⁸ Frei Vicente de Salvador *apud idem*. p 107

⁹ GARCÍA, Carlos Bosch. In: Zea (org). *El descubrimiento de américa y su sentido actual*. México: Fundo de cultura econômica. 1989.

¹⁰ SCHWARTZ, Stuart B In Bethell (org.). *Historia da América Latina: América Latina colonial*. São Paulo: Editora da USP; Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2. ed., 1998, p.339,340.

¹¹ HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 26. ed., 1995, p. 96.

¹² AQUINO. JUSUS. OSCAR. *História das Sociedades Americanas.?*: Editora LTDA . ?, p. 47.